

Demarcações territoriais e identitárias no campo brasileiro: A identidade Sem-Terra em perspectiva.

Karoline Beatriz Oliveira Barroso; Carla Wanessa Oliveira.

INTRODUÇÃO

Os altos índices de violência no campo brasileiro trazem à tona a necessidade de compreender aos processos que nele se configuram e seus principais atores, nesta conjuntura marcada por violência. No contexto de configuração territorial e considerando que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, a terra representa para classe camponesa além de espaço de trabalho, o local de produção simbólica e cultural, logo, o processo de desenraizamento desta classe configura-se como situação limite da estrutura capitalista, os conflitos territoriais no campo brasileiro tornam, de fato, um campo de batalha de interesses irreconciliáveis que produzem uma demarcação tanto territorial quanto identitária.

Assim, destacamos o caráter relacional da identidade, que é afirmada a partir da existência do outro, como afirma Kathryn Woodward, os sistemas simbólicos atribuem sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais a forma que alguns grupos são excluídos e marginalizados.



OBJETIVO

Este trabalho visa compreender o processo de construção da identidade sem-terra a partir da relação entre o camponês e a terra no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Buscou-se discutir o deslocamento do conceito de identidade do campo conceitual para o campo político, analisando a dinamicidade e a utilização de sistemas representacionais para militância política.

METODOLOGIA

As etapas da pesquisa consistem em revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada, investigou-se as mudanças de significação do conceito de identidade e o cenário do campo brasileiro. Analisamos trajetória de vida de um integrante do MST, escolhidos pelo tempo de militância, compreendendo a utilização dos símbolos e princípios organizativos do MST na formação da identidade coletiva de resistência, as informações foram coletadas a partir de entrevistas, que conciliaram relatos orais de histórias de vida com perguntas. Ademais, foi utilizado o material presente no site oficial do MST, analisando fotos e textos produzidos pelos sem-terra.



CONCLUSÃO

Nesse cenário, é possível constatar que o espaço do acampamento configura-se para além de local de trabalho e cultivo, é o ambiente de convivência e produção cultural que exerce seu papel enquanto local de resistência política e cultural.

Em síntese, o MST é produto da necessidade de organização de uma classe marginalizada dona de uma cultura própria e um relacionamento com a terra que diverge da lógica da estrutura vigente. A construção de uma identidade de resistência localiza-se historicamente como alternativa para a classe camponesa, o sentimento de pertencimento e a necessidade de sobrevivência tanto física quanto cultural mesclam-se e desembocam na organização política pela defesa de direitos negligenciados, de uma cultura constantemente ameaçada.

REFERÊNCIAS

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora. Vozes, pp.